

PERIÓDICO DE GEOPOLÍTICA E OCEANOPOLÍTICA

BOLETIM

GEOCORRENTE

ISSN 2446-7014



O SNN-AUKUS e a projeção de poder no Indo-Pacífico

ESTE E OUTROS 12 ARTIGOS NESTA EDIÇÃO

BOLETIM GEOCORRENTE

Nº 179 • 29 de março de 2023

O Boletim Geocorrente é uma publicação quinzenal do Núcleo de Avaliação da Conjuntura (NAC), vinculado à Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação (SPP) da Escola de Guerra Naval (EGN). O NAC acompanha a Conjuntura Internacional sob o olhar teórico da Geopolítica e da Oceanopolítica, a fim de fornecer mais uma alternativa para a demanda global de informação, tornando-a acessível e integrando a sociedade aos temas de segurança e defesa. Além disso, proporciona a difusão do conhecimento sobre crises e conflitos internacionais procurando corresponder às demandas do Estado-Maior da Armada.

O Boletim tem como finalidade a publicação de artigos compactos tratando de assuntos atuais de dez macrorregiões do globo, a saber: América do Sul; América do Norte e Central; África Subsaariana; Oriente Médio e Norte da África; Europa; Rússia e ex-URSS; Sul da Ásia; Leste Asiático; Sudeste Asiático e Oceania; Ártico e Antártica. Além disso, conta com a seção "Temas Especiais", tratando sobre assuntos latentes das relações internacionais.

O grupo de pesquisa ligado ao Boletim conta com integrantes de diversas áreas do conhecimento, cuja pluralidade de formações e experiências proporcionam uma análise ampla da conjuntura e dos problemas correntes internacionais. Assim, procura-se identificar os elementos agravantes, motivadores e contribuintes para a escalada de conflitos e crises em andamento, bem como seus desdobramentos.

NORMAS DE PUBLICAÇÃO

Para publicar nesse Boletim, faz-se necessário que o autor seja pesquisador do Grupo de Geopolítica Corrente, do NAC e submeta seu artigo contendo até 400 palavras ao processo avaliativo por pares.

Os textos contidos neste Boletim são de responsabilidade exclusiva dos autores, não retratando a opinião oficial da EGN ou da Marinha do Brasil.

A publicação integral de qualquer artigo deste Boletim somente poderá ser feita citando expressamente autor e fonte, e colocando o link de redirecionamento para o artigo original.

Capa: [USS Santa Fe e submarinos da Marinha australiana](#)

Por: Oficial U.S. Navy Page

Fonte: Flickr

CORRESPONDÊNCIA

Escola de Guerra Naval – Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação.
Av. Pasteur, 480 - Praia Vermelha – Urca – CEP 22290-255 - Rio de Janeiro/RJ - Brasil
TEL.: (21) 2546-9394 | E-mail: geocorrentenac@gmail.com

Esta e as demais edições do Boletim Geocorrente, em português e inglês, poderão ser encontrados na [home page da EGN](#) e em nossa [pasta do Google Drive](#).

O NAC também está no [LinkedIn](#), acompanhem nossas postagens.

CONSELHO EDITORIAL

DIRETOR DA EGN

Contra-Almirante João Alberto de Araujo Lampert

SUPERINTENDENTE DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO DA EGN

Contra-Almirante (RM1) Marcio Magno de Farias Franco e Silva

EDITOR CHEFE

Capitão de Mar e Guerra (RM1) Leonardo F. de Mattos (EGN)

EDITOR CIENTÍFICO

Capitão de Mar e Guerra (RM1) Francisco E. Alves de Almeida (EGN)

EDITORES ADJUNTOS

Jéssica Germano de Lima Silva (EGN)

Noele de Freitas Peigo (Facamp)

Thayná Fernandes Alves Ribeiro (UFF)

Victor Eduardo Kalil Gaspar Filho (EGN)

DIAGRAMAÇÃO E DESIGN GRÁFICO

Guilherme de Oliveira Carneiro (UFRJ)



ÁFRICA SUBSAARIANA

Carolina Vasconcelos De Oliveira Silva (PUC-Rio)
Franco Napoleão A. de Alencastro Guimarães (PUC-Rio)
Isadora Jacques de Jesus (UFRJ)
João Victor Marques Cardoso (UNIRIO)
Luísa Barbosa Azevedo (UFRJ)
Nicole Eduarte Silva Chifunga (UFF)
Vanessa Passos Bandeira de Sousa (ESG)

AMÉRICA DO SUL

Bruna Soares Corrêa de Souza (UniLaSalle)
Fernanda Carvalho Calado Coutinho (UFF)
José Martins Rodrigues Junior (UFRJ)
Luciano Veneu Terra (UFF)
Matheus Ribeiro de Paula (UERJ)
Pedro Emiliano Kilson Ferreira (Univ. de Santiago)

AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL

Ana Carolina Vaz Farias (UFRJ)
Isabela Sússekind Rocha Torres (PUC-Rio)
Taynah Pires Ferreira (UFRJ)
Victor Cabral Ribeiro (PUC-Rio)
Victor Eduardo Kalil Gaspar Filho (EGN)

ÁRTICO & ANTÁRTICA

Gabriela Paulucci da Hora Viana (UFRJ)
Gabriele Marina Molina Hernandez (UFF)
Jayanne Balbino Soares (UFF)

EUROPA

Guilherme Francisco Pagliares de Carvalho (UFF)
Gustavo da Hora (UFRJ)
Marina Autran Caldas Bonny (UFRJ)
Millene Sousa dos Santos (UFRJ)
Rafaela Caporazzo de Faria (UFRJ)

LESTE ASIÁTICO

João Pedro Ribeiro Grilo Cuquejo (Kobe University)
Júlia Elias Teodoro Santos Pereira (UFRJ)
Luís Filipe de Souza Porto (UFABC)
Marcelle Torres Alves Okuno (EGN)
Maria Eduarda Araújo Castanho Parracho (UERJ)
Philippe Alexandre Junqueira (UERJ)
Rodrigo Abreu de Barcellos Ribeiro (UFF)
Thomas Dias Placido (UFSC)

ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

Amanda Neves Leal Marini (ECEME)
Melissa Rossi (Suffolk University)
Vitória de França Fernandes (UFRJ)

RÚSSIA & EX-URSS

José Gabriel de Melo Pires (UFRJ)
Luiza Gomes Guitarrari (UFRJ)
Pedro Mendes Martins (ECEME)
Pérsio Glória de Paula (Saint Petersburg University)
Rafael Esteves Gomes (UFRJ)

SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA

Guilherme de Oliveira Carneiro (UFRJ)
Maria Gabriela Veloso Camelo (PUC-Rio)
Matheus Bruno Ferreira Alves Pereira (UFRJ)
Thayná Fernandes Alves Ribeiro (UFF)

SUL DA ÁSIA

Eduardo Araújo Mangueira (UFRJ)
Gabriela Siqueira Duarte dos Santos (UFRJ)
Lucas Mitidieri (UFRJ)
Maria Fernanda Császár Lima Ferreira (UFRJ)
Rebeca Vitória Alves Leite (EGN)
Renan Guimarães Canellas de Oliveira (PUC-Rio)

TEMAS ESPECIAIS

Guilherme Novaes Silva Pinto (UFRJ)
Raquel Torrecilha Spiri (UNESP)
Victor Magalhães Longo de Carvalho Motta (UFRJ)



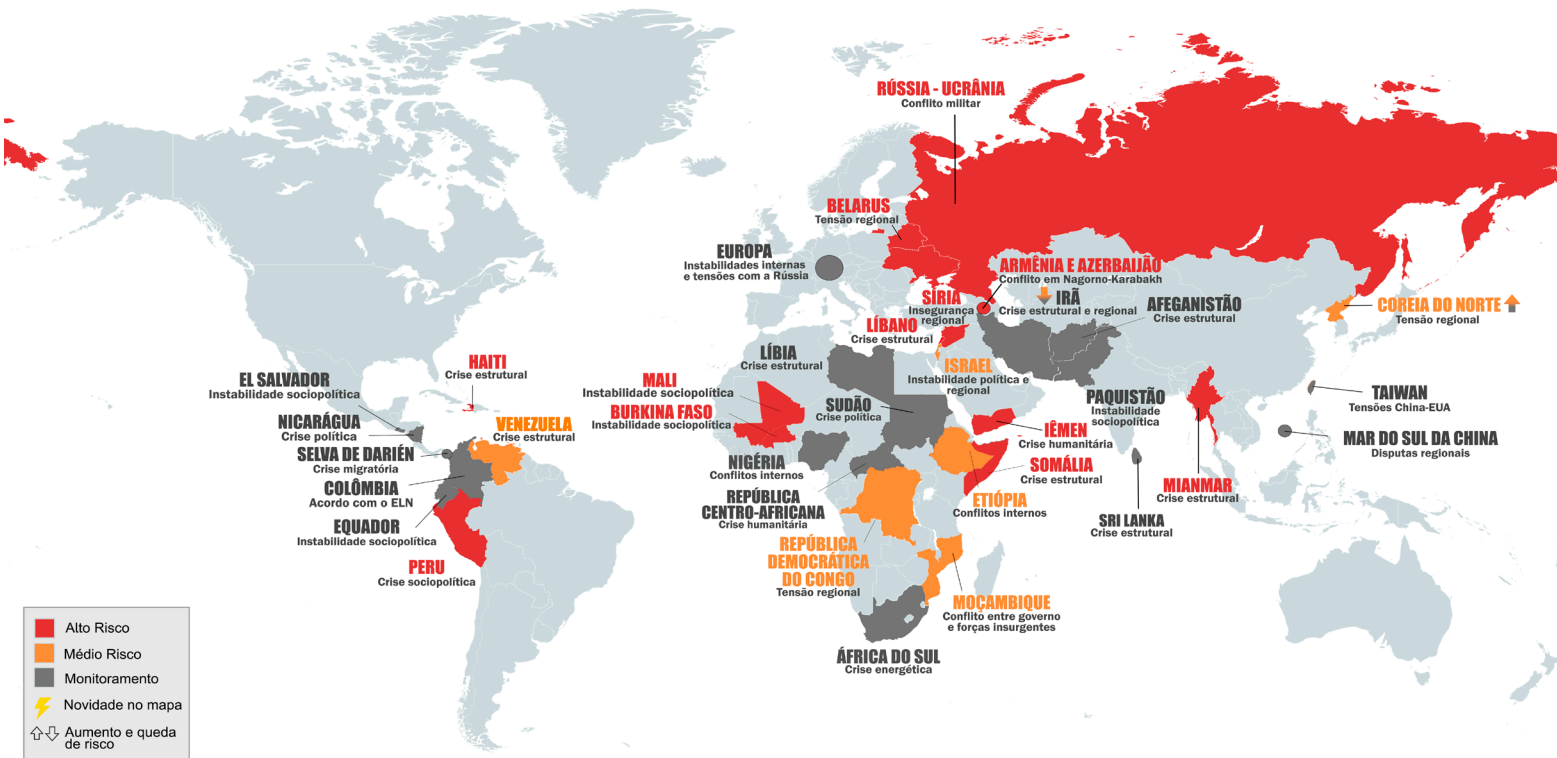
SUMÁRIO

AMÉRICA DO SUL		LESTE ASIÁTICO	
Argentina: porta de entrada para Pequim nas Américas?.....	5	A dimensão cibernética do conflito do Estreito de Taiwan.....	13
AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL		SUL DA ÁSIA	
Panamá: caminhos sustentáveis para o comércio marítimo internacional.....	6	Bangladesh: entre a <i>Belt and Road Initiative</i> e a <i>Indo-Pacific Strategy</i>	14
ÁFRICA SUBSAARIANA		SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA	
Por que Angola está investindo em Defesa?.....	7	Desafios da Marinha indonésia: modernização e vulnerabilidade	15
O papel da Argélia na crise de segurança no Mali	8	O caminho europeu para o Indo-Pacífico.....	16
EUROPA		TEMAS ESPECIAIS	
O <i>SSN-AUKUS</i> e a projeção de poder no Indo-Pacífico	9	Portos Inteligentes: As transformações da indústria 4.0 na logística portuária	17
O fornecimento indireto de armamento búlgaro: um aceno para o Ocidente.....	10		
ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA			
A retomada dos laços diplomáticos entre Arábia Saudita e Irã	11	Artigos Seleccionados & Notícias de Defesa.....	18
RÚSSIA & Ex-URSS		Calendário Geocorrente.....	18
Grupo Wagner e os interesses do Kremlin na Ucrânia	12	Referências.....	19
		Mapa de Riscos.....	20

PRINCIPAIS RISCOS GLOBAIS

Desconsiderando a pandemia de COVID-19

Por: Luísa Barbosa



Created with mapchart.net

Para mais informações acerca dos critérios utilizados, acesse a página 20.

Argentina: porta de entrada para Pequim nas Américas?

Luciano Veneu

Nas últimas décadas, tornou-se clara a intenção chinesa de expandir sua influência pela América do Sul. A potência asiática se vale da necessidade de desenvolvimento social e econômico da região para prospectar na histórica zona de influência imediata estadunidense. Nessa conjuntura, a Argentina emerge como foco de uma disputa de poder, já que, após aderir à iniciativa *Belt and Road* (Boletim 157), o Estado platino abriu a possibilidade para uma instalação naval chinesa na cidade de Ushuaia, no extremo sul do Atlântico. Sendo assim, como os interesses chineses na região podem influenciar outros atores sul-americanos?

Para Pequim, buscar laços comerciais se tornou a forma mais efetiva de expansão de seu poder pelo globo. Iniciativas como a *Belt and Road* permitem ao país estabelecer vínculos com Estados distantes de seu entorno imediato, como nas Américas do Sul e Central e, principalmente, no continente africano. Nesse contexto, a Argentina se mostra uma importante aliada da China, já que Buenos Aires busca a modernização de sua economia e de suas Forças Armadas, encontrando no parceiro asiático uma alternativa para o embargo britânico sobre os produtos destinados à Defesa, resultante da derrota argentina na Guerra das Malvinas (1982). Ademais, Buenos Aires teria em Pequim um favorável credor para o desenvolvimento de infraestrutura no país e um aliado diplomático para sua reivindicação das Ilhas Malvinas.

Além disso, a possível instalação de uma base logística e comercial chinesa em Ushuaia, permitiria a Pequim o acesso ao Atlântico, em alternativa aos canais do Panamá e de Suez.

As Forças Armadas dos Estados Unidos (EUA) já se pronunciaram sobre o assunto, com a General Laura Richardson, do SOUTHCOM, se dirigindo ao Congresso estadunidense, em 23 de março passado, afirmando que a prospecção chinesa na Argentina é preocupante para seu país. Se concretizada, a iniciativa será uma porta de entrada chinesa nas Américas. Logo, faz-se necessário maior atenção às necessidades dos países sul-americanos, não priorizadas por parte do governo dos EUA.

Portanto, Pequim busca avançar sobre o entorno de Washington, enquanto a Argentina se beneficia dessa disputa de poder para atingir seus objetivos nacionais: desenvolvimento social, econômico, diplomático e militar. Sendo assim, a base de Ushuaia seria mais um passo chinês para a efetiva ocupação econômica — já que inicialmente seria um porto comercial — e diplomática do subcontinente, que necessita de investimentos estrangeiros para alcançar o desenvolvimento. A falta de prioridade dada pelos EUA ao seu entorno geopolítico, permitiu que o Estado asiático se firmasse como o principal parceiro para o desenvolvimento da América do Sul.



Panamá: caminhos sustentáveis para o comércio marítimo internacional

Taynah Pires Ferreira

O Panamá sediou, entre os dias 2 e 3 de março, a conferência *Our Oceans 2023* ([Boletim 178](#)), com o propósito de discutir projetos voltados para a proteção de recursos marinhos, Áreas Marinhas Protegidas e o desenvolvimento da *Blue Economy* em nível global. O evento estabeleceu 341 compromissos voluntários entre os participantes e quase US\$ 20 bilhões para o financiamento de projetos nesse sentido. Dentre as medidas anunciadas, destaca-se a iniciativa firmada entre Estados Unidos (EUA) e Panamá para a criação de um Corredor Marinho Ecológico, voltado para o trânsito de embarcações com pouca emissão de dióxido de carbono. Questiona-se, portanto, de que maneira a implementação desse corredor pode contribuir para a descarbonização das frotas marítimas que operam na região.

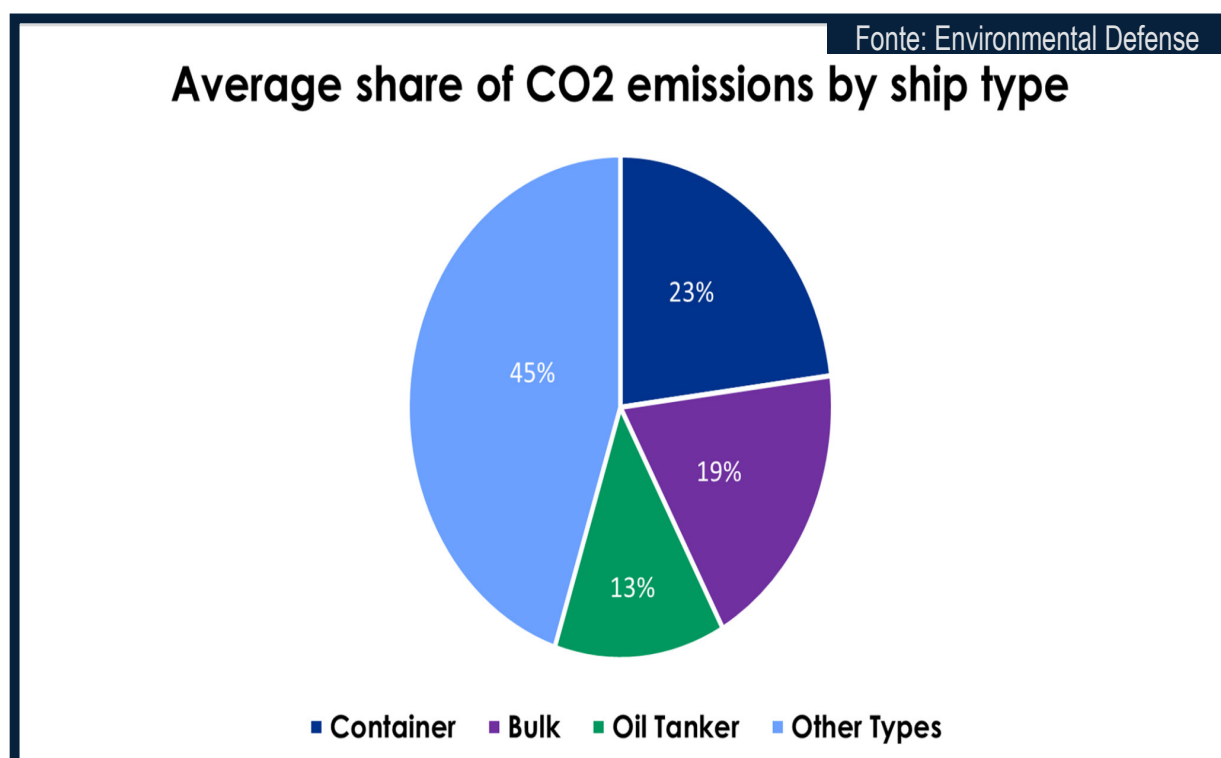
Primeiramente, é preciso compreender o papel central do transporte marítimo e suas implicações ao meio ambiente. Estima-se que 80% do comércio global seja realizado por via marítima. Entretanto, de acordo com a Organização Marítima Internacional (IMO, na sigla em inglês), o transporte marítimo também é responsável por emitir mais de um bilhão de toneladas de carbono ao ano. Nesse sentido, os Corredores Marinhos Ecológicos representam uma alternativa ambiental sustentável para o comércio marítimo internacional, destacada a contribuição enquanto incentivador de embarcações menos poluentes.

Outrossim, o futuro projeto do Corredor Marinho

Ecológico Panamá-Estados Unidos resultaria em ganhos ambientais para a região. Sobretudo, pela expressividade dos fluxos comerciais transoceânicos que atravessam o Canal do Panamá diariamente, tendo como destino ou ponto de partida os EUA. Em virtude disso, o Corredor atuaria como um mecanismo para auxiliar na descarbonização do comércio internacional. Destaca-se também o pioneirismo da iniciativa frente aos novos padrões estabelecidos durante a COP 27, em 2022, para a transição das frotas e alinhamento aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas.

Concomitantemente, a iniciativa articula com outros projetos regionais voltados à preservação dos recursos marinhos, como o *Corredor Marino del Pacífico Este Tropical*, que possui gestão conjunta de Colômbia, Costa Rica, Equador e Panamá. Portanto, observa-se um movimento de coordenação regional com propósito de conservar a biodiversidade oceânica através do controle da emissão de carbono no comércio marítimo internacional.

Por fim, o projeto, que se encontra em fase inicial de formação de mesas técnicas-cooperativas, representa um passo importante para a adequação do comércio marítimo internacional às novas demandas globais para proteção do meio ambiente. Ademais, poderá contribuir para o fortalecimento da cooperação entre Cidade do Panamá e Washington, em âmbitos de comércio, meio ambiente e sustentabilidade.



Por que Angola está investindo em Defesa?

Nicole Chifunga

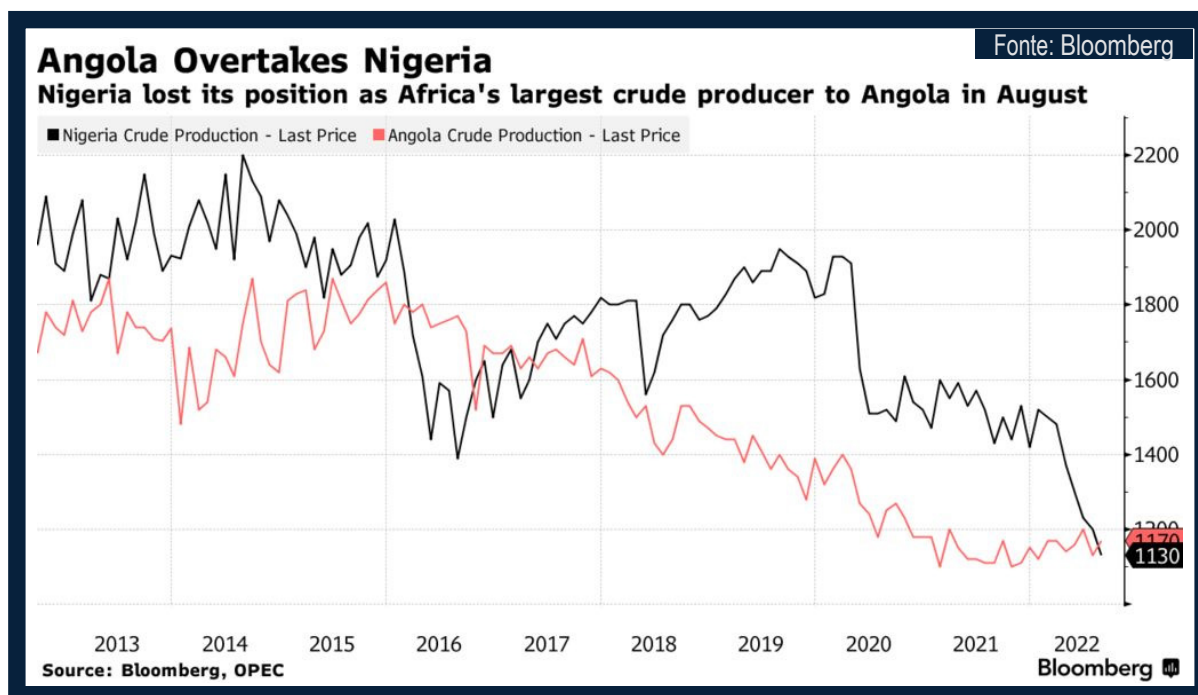
A segurança marítima do Golfo da Guiné é essencial para a viabilidade das atividades econômicas de Angola. Consequentemente, Luanda anunciou, em fevereiro de 2023, um acordo com o grupo *Edge*, dos Emirados Árabes Unidos, para o fornecimento de corvetas *BR71 MK II*, variante da classe *Baynunah*, para renovar a frota da Marinha de Guerra Angolana (MGA). O aumento desses investimentos vem ocorrendo desde 2016, quando o país adquiriu 16 novas embarcações e um projeto de construção de um estaleiro da *Privinvest* — empresa saudita apontada no escândalo de dívidas ocultas em Moçambique. Nesse sentido, de que maneira novos investimentos de Angola em Defesa naval podem impulsionar a economia do país?

O Presidente João Lourenço, em fevereiro de 2023, declarou que Angola carece de meios para patrulhar eficientemente, não só a sua costa, mas também todo o Golfo da Guiné. A preocupação com o Golfo é estratégica, pois, embora a incidência de pirataria marítima esteja em queda na região ([Boletim 175](#)), a insegurança permanece. Nesse local são observados diversos ilícitos como pesca ilegal, não declarada e não regulamentada (INN) e roubo de petróleo na costa nigeriana, atividades que possuem conexão com a pirataria.

Internamente, o Parlamento angolano analisa uma proposta de lei para conceder maiores benefícios às

petrolíferas da província de Cabinda, maior produtora do petróleo exportado pelo país, visando promover o desenvolvimento socioeconômico e atrair investimentos ([Boletim 159](#)). Os incentivos fiscais promovidos pelo governo se justificam ao constatar-se que cerca de 50% do PIB angolano, 70% das receitas e 90% das exportações derivam do petróleo *offshore* da bacia do rio Congo, em Cabinda. A insegurança na Zona Econômica Exclusiva angolana não apenas prejudica os resultados da indústria petrolífera, mas também afasta possíveis investidores, importantes para atração de capital necessário para incentivar o país a crescer após uma recessão que perdura desde 2014. Isso torna a segurança marítima do Golfo da Guiné primordial à economia angolana.

Figurando entre os maiores exportadores de petróleo da África, Angola possui ambições de representar o continente em esferas diplomáticas e adquirir um papel de maior destaque na região. Logo, os investimentos em Defesa visam garantir meios e capacidades para prover a segurança marítima e presença da MGA no Golfo da Guiné. Cabe ressaltar que Angola disputa o posto de maior produtor de petróleo da África Subsaariana com a Nigéria, que passa por um momento de crise interna. Tal situação, no médio a longo prazo, pode aumentar a influência de Luanda em uma região estratégica para economia nacional e regional.



O papel da Argélia na crise de segurança no Mali

Luísa Barbosa Azevedo e Vitória França

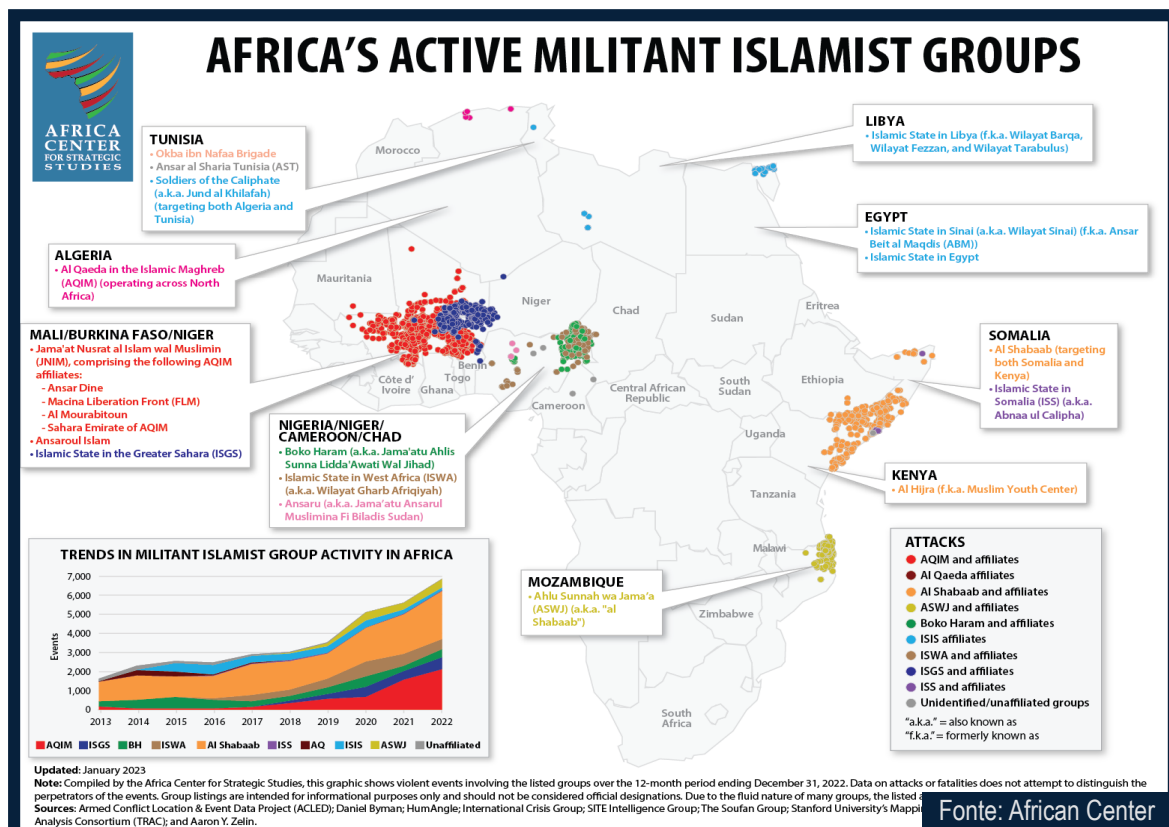
A crise de segurança no Mali tem como consequência a instabilidade política e o transbordamento de violência jihadista para países fronteiriços. Desde 2014, a Argélia, que busca a estabilidade da região do Sahel, desenvolve uma diplomacia inclusiva, liderando as negociações de um acordo de paz no Mali em 2015, junto a grupos armados no norte do país, incluindo as Nações Unidas, a União Africana e parceiros estrangeiros. A resolução, que nunca foi totalmente implementada, proporcionaria maior autonomia local e reintegração de rebeldes às Forças Armadas do Mali. Com os golpes de Estado em 2020 e 2021, a Argélia voltou a intensificar seu papel mediador. Assim, como Argel atua na crise de segurança do Mali?

Após os golpes de Estado no Mali, a insegurança interna no país ocasionou a deterioração de suas relações exteriores, aumentando as tensões entre os signatários do acordo de paz (Boletim 69). Em carta ao Ministro de Relações Exteriores argelino, Ramtane Lamamra, o governo maliano acusou o *Coordination of Azawad Movements* (CMA, na sigla em inglês), movimento de libertação tuaregue, de violar os termos do acordo, após o CMA ter suspenso sua participação nele, em dezembro de 2022. Há, ainda, os desafios da continuidade do governo militar, estendido até 2024, enfrentando uma crise constitucional, que enfraquece

esforços para combater a violência de grupos armados. Consequentemente, o número de deslocados internos no Centro e Norte do país aumentam significativamente, com cerca de 2,6 milhões de pessoas forçadas a migrar no Sahel, segundo a ONU.

A Argélia, por sua vez, defende que os conflitos africanos devem ser resolvidos endogenamente, pelos Estados do continente, e devido à localização geográfica crítica, próximo ao Sahel, o país possui um papel decisivo em mediar a crise maliana. Em janeiro de 2023, durante sessão do comitê militar conjunto argelino-maliano, em Bamako, foi acordado o envio de apoio logístico e militar da Argélia às Forças Armadas malianas. Nesse sentido, sendo a maior economia da sub-região, Argel usa sua influência regional para solucionar o conflito de Bamako, apontando a necessidade de um sistema político estável, principalmente para controlar a expansão de crises em suas fronteiras, como o fluxo de armas para seu território e a atividade das organizações insurgentes.

A instabilidade política maliana e dos países no entorno pode ser um obstáculo para a liderança argelina no continente. Ainda que os esforços da Argélia se baseiem em uma política externa e regional bem estabelecida, é complexo conter o transbordamento da atividade jihadista no Sahel, sobretudo tendo o Mali como epicentro de instabilidade.



O SSN-AUKUS e a projeção de poder no Indo-Pacífico

Guilherme Carvalho e Thayná Fernandes

O acordo conhecido como AUKUS, firmado entre a Austrália, Estados Unidos e o Reino Unido em 2021, prevê uma série de projetos para o fortalecimento do setor de Defesa australiano. Dentre eles, destaca-se a construção de submarinos nucleares para Camberra, que hoje conta somente com os de propulsão convencional da classe *Collins*, próximos do fim de sua vida útil. Dezoito meses após ser anunciado, os detalhes do acordo foram revelados em 14 de março de 2023, durante encontro entre os líderes dos três países. Como esse acordo pode trazer benefícios a todas as partes envolvidas?

Estão previstos oito submarinos de propulsão nuclear, que poderão ter design britânico e tecnologia estadunidense. Londres possui uma infraestrutura de construção naval bem estabelecida, contando com referências mundiais como a *BAE Systems* e a *Rolls Royce*. O novo submarino deve se basear no modelo do *HMS Astute*, caracterizado pela sua capacidade aprimorada de operar em águas rasas, uma vantagem no Mar do Sul da China, e pelo menor efetivo necessário para operá-lo: enquanto os americanos *USS Virginia* necessitam de cerca de 130 militares, os britânicos demandam em torno de 98.

Inicialmente, o programa se dividirá em quatro fases: capacitação, patrulhas rotativas, compra de três (ou mais) submarinos da classe *USS Virginia* e, por fim, o comissionamento do submarino contratado, provisoriamente denominado *SSN-AUKUS*. A fase 1 será iniciada ainda em 2023, com as Marinhas estadunidense e britânica capacitando civis e militares australianos; a segunda fase tem previsão de início em 2027, com patrulhas rotativas de um *Astute* e até quatro *Virginia* a partir da base naval *HMAS Stirling*, no oeste australiano.

Com início na década de 2030, a terceira fase do programa prevê a compra de submarinos estadunidenses, para que não haja um *gap* na segurança marítima devido ao fim da vida útil dos da classe *Collins*; ao final desta década, os britânicos entregarão o primeiro *SSN-AUKUS* e, na década de 2040, a Austrália planeja entregar outro, o primeiro construído nacionalmente.

A previsão é de que este programa movimente a economia duas vezes mais do que o projeto anterior estabelecido com a França ([Boletim 148](#)), além de promover amplo desenvolvimento em diversos setores. Contudo, em meio às altas expectativas, há constantes debates sobre os custos do projeto: inicialmente, o total previsto é de US\$ 368 bilhões até a década de 2050. Além disso, tanto os Estados Unidos, quanto o Reino Unido, terão vantagens econômicas, pois a Austrália oferecerá, a priori, cerca de US\$ 3 bilhões nos próximos quatro anos para aumentar sua capacidade de construção de submarinos, fato criticado por alguns setores do governo australiano. Para os próximos dez anos, prevê-se um gasto de cerca de US\$ 58 bilhões por parte de Camberra.

Em suma, para os três países, o acordo é estrategicamente vantajoso. À Austrália, é uma maneira de “agir em seus interesses soberanos livres de coerção”, conforme afirmado pelo Primeiro-Ministro Anthony Albanese, fazendo clara referência à China. Para os Estados Unidos, é a possibilidade de se manter relevante em uma região cada vez mais estratégica, com atores que vêm crescendo em importância no contexto internacional. Para o Reino Unido, é, principalmente, uma oportunidade de manter sua economia e indústrias se movimentando, em um cenário pós-*Brexit* cada vez mais incerto.



O fornecimento indireto de armamento búlgaro: um aceno para o Ocidente

Millene Santos

A continuidade das hostilidades no Mar Negro revelou que a existência de conflitos entre Estados-nação é uma característica que permeia a era atual e desafia a ordem internacional. Nesse contexto, a Bulgária se encontra em uma região estratégica para a articulação de interesses euro-atlânticos e para a construção de um cenário favorável para atuação ucraniana. Nesse sentido, questiona-se como a performance colaborativa búlgara de envio de armamentos, indiretamente para a Ucrânia simbolizou um esforço pró-Ocidente e em favor de sua agenda nacional.

No início de 2023, um artigo publicado pelo jornal alemão *Die Welt* denunciou o fornecimento indireto de armas búlgaras para a Ucrânia. A Bulgária é um grande produtor de munições compatíveis com armas projetadas pela União Soviética, usadas extensivamente pelas forças militares ucranianas antes dos Estados Unidos (EUA) e seus aliados lhe fornecerem alternativas produzidas no Ocidente. Além disso, a reportagem indica que a indústria búlgara concedeu suplementos adicionais de diesel à Ucrânia de forma secreta. Com isso, teria sido responsável por atender até 40% das necessidades do Exército ucraniano de tanques e veículos entre abril e agosto de 2022.

Durante a administração do ex-Primeiro-Ministro, Kiril Petkov, o governo transferiu armamento para a Ucrânia por meio de financiamento estrangeiro, principalmente

advindo do programa de vendas para os EUA, Polônia e Reino Unido. Nesse sentido, as exportações de armas búlgaras aumentaram consideravelmente em direção a Varsóvia e a Bucareste e, a partir disso, seguiam rumo à Ucrânia, atendendo a demanda urgente por ajuda militar em larga escala — incluindo munições e armamentos — ao passo que possibilitava a manutenção do discurso do governo búlgaro de neutralidade em relação ao conflito no Mar Negro.

O esforço de transferência clandestina de armamento alinhou-se à pauta do então Premiê Petkov de estreitamento de relações com o Ocidente. Vale ressaltar que, essa postura colaborativa adotada pelo governo búlgaro, sobretudo pelos políticos pró-Ocidente, ocorreu em um momento em que a Bulgária busca reduzir sua dependência de combustíveis fósseis e estreitar seu relacionamento com a OTAN em busca do desenvolvimento de sua autonomia em Defesa, política e economia.

Dessa maneira, mediante a suposta articulação secreta de envio de suprimentos armamentistas e combustível, a Bulgária cobriu necessidades do Exército ucraniano, contribuindo para a dissuasão e defesa da região contra a dependência russa que imperava até então. Tal ação representou também um esforço de colaboração com a pauta ocidental de Defesa, na expectativa de avanços na consecução de sua própria agenda nacional.



A retomada dos laços diplomáticos entre Arábia Saudita e Irã

Amanda Marini

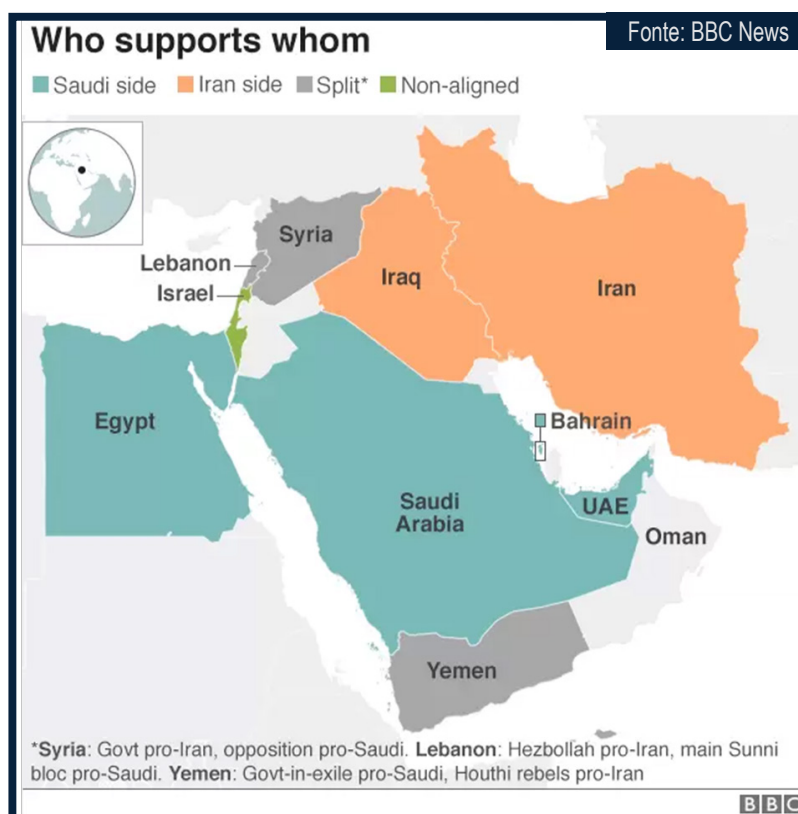
A rábia Saudita e Irã, principais competidores no tabuleiro geopolítico do Oriente Médio, anunciaram a retomada dos laços diplomáticos em março de 2023, após negociações conduzidas com o intermédio chinês. Riade e Teerã, cujas relações estavam rompidas desde 2016 — quando a execução de um clérigo xiita crítico aos sauditas e ataques a missões diplomáticas iranianas escalaram as desavenças — comprometeram-se a reabrir suas embaixadas, investir no comércio bilateral e trabalhar em prol da redução das tensões locais, priorizando a estabilidade no entorno. Assim, o que está em jogo com esta aproximação diplomática e o que isso, realmente, impacta na segurança regional?

O primeiro impacto local diz respeito à Guerra Civil iemenita, uma vez que ambos os países se posicionam em pólos opostos neste confronto, por meio de *proxy fights*, ou conflitos por procuração. Nesse contexto, vale ressaltar que, através de intervenções militares, Riade objetiva restaurar o governo derrubado por grupos pró-Teerã. Por outro lado, o Irã envia armamentos e munições para estes grupos, que ameaçam populações sauditas residentes no território iemenita e nas áreas de fronteira, além de promover tensões no Golfo de Áden. A Arábia Saudita está empenhada em construir um caminho diplomático para mitigar e, gradualmente, cessar este panorama

caótico, visto que proporciona instabilidade na região e, com a retomada do diálogo, esta pauta é elementar.

O segundo impacto é que a disputa de ambos com Israel ganha novos contornos, uma vez que o Irã não reconhece o Estado judeu e ambos vivem uma *shadow war*. Em contraponto, o acordo saudita-iraniano, por sua vez, pôs em xeque a aproximação paulatina que vinha acontecendo entre Tel-Aviv e Riade que, inclusive, chegou a cogitar a possibilidade de aderir aos Acordos de Abraão. Nesse sentido, o Ministério da Defesa israelense impediu uma grande venda de armamentos do país para a nação árabe após a divulgação da retomada das relações com o Irã. Outro fator que complexifica esse cenário repousa no objetivo israelense de atuar regionalmente, por meio de cooperações, e de isolar o Irã em termos de segurança. Isto posto, há também uma ruptura tático-operacional entre Tel-Aviv e Riade sobre como lidar com o programa nuclear iraniano, virtualmente restringindo as ações militares israelenses.

Portanto, Iêmen e Israel são temas-chave e cruciais para a estabilidade regional, já que, em ambos, a Arábia Saudita e o Irã estão em lados divergentes. Assim, vislumbra-se que o panorama imposto ainda é de incertezas e probabilidades no que se refere ao impacto na segurança regional.



Grupo Wagner e os interesses do Kremlin na Ucrânia

José Gabriel de Melo Pires

A doutrina militar russa baseia-se no conceito de “guerra híbrida”, que consiste em atuar em uma zona opaca, possibilitando o emprego de estratégias não-convencionais. Um de seus pilares de sustentação é a utilização de Empresas Militares Privadas (PMCs, em inglês) como instrumento de pressão geopolítica. Nesse sentido, uma das principais PMCs vinculadas ao Kremlin é o Grupo Wagner. Apesar de atuarem em diversos países, especialmente no continente africano, como Líbia, Mali e República Centro-Africana ([Boletim 161](#)), sua origem é atribuída em 2014, no contexto da atuação dos “*little green men*” na Ucrânia, localidade em que vem concentrando, significativamente, sua atenção. Desse modo, suscita-se o questionamento acerca da efetividade militar, bem como de possíveis consequências da utilização desse tipo de estratégia pelo Kremlin.

Algumas das principais atribuições do Grupo Wagner são: o treinamento de forças nacionais, garantia de locais estratégicos, como infraestruturas críticas e regiões ricas em recursos naturais, além de atuar no combate direto. Outrossim, tem como vantagem a escalabilidade e a possibilidade de negação de envolvimento dos contratantes. Nesse sentido, apesar de polêmicas envolvendo o alistamento de detentos do sistema prisional russo e do emprego de táticas inadequadas de combate, a Ucrânia tem sido o maior catalisador

para o reconhecimento do Grupo Wagner perante as autoridades russas. Nesse ensejo, o grupo já protagonizou ações relevantes na região de Soledar e, atualmente, desempenha um papel importante em Bakhmut, dois locais onde o número de baixas se mostra díspar em relação a outras áreas de contato entre os beligerantes.

Entretanto, apesar do bom desempenho no teatro de operações e de conquistas territoriais, há motivos de controvérsias com as forças convencionais de Moscou. Nesse contexto, em meados de março de 2023, a mídia ocidental repercutiu algumas críticas feitas pelo líder do grupo, Yevgeny Prigozhin, quanto às falhas do Ministério da Defesa russo no fornecimento de armamento para a manutenção dos avanços em Bakhmut, que reverberam no próprio Ministro, Sergey Shoigu, acusado de ter envolvimento com uma concorrente do Grupo Wagner. Em um cenário de conflito, declarações com tal teor dão indícios de uma possível disputa de poder interna entre pretensos aliados, causando um efeito adverso nos esforços russos.

Portanto, é possível observar que, apesar dos benefícios atrelados à opacidade das operações da PMC russa na Ucrânia, bem como em outras regiões do globo, esse tipo de serviço pode ser catalisador de ambientes internos de instabilidade estratégica em função de disputas por recursos.



A dimensão cibernética do conflito do Estreito de Taiwan

Rodrigo Ribeiro

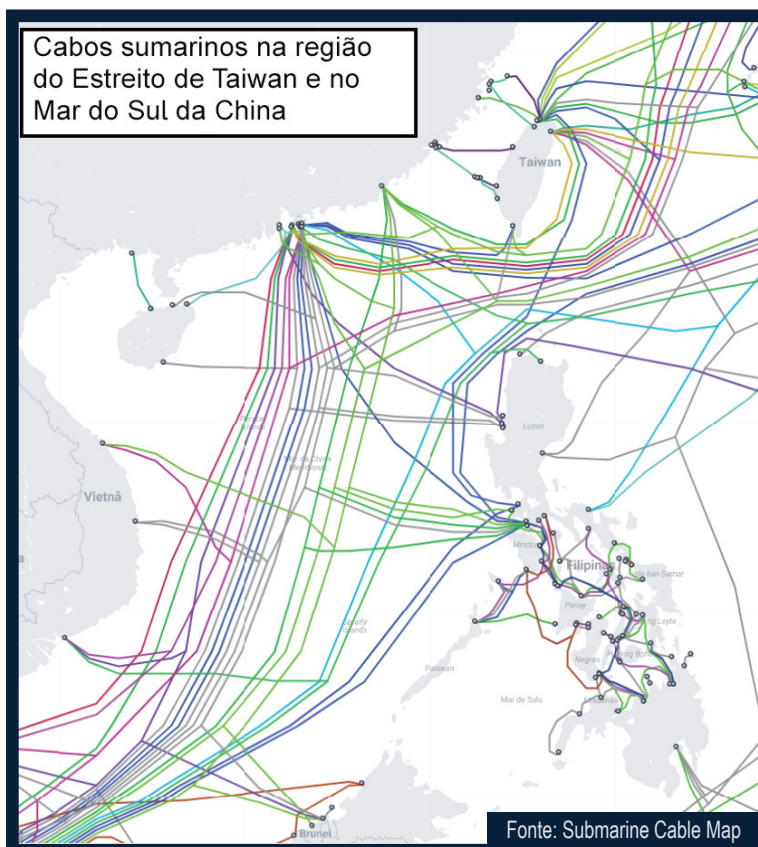
Em fevereiro de 2023, dois cabos submarinos taiwaneses foram cortados por militares chineses no Estreito de Taiwan, impedindo o acesso a meios de comunicação para cerca de 14 mil pessoas. Além disso, autoridades da ilha também acusam a China de obstruir a construção do cabo submarino *SJC2*, ligando Cingapura, Coreia do Sul, Japão e Taiwan. As notícias acenderam um alerta para a vulnerabilidade das infraestruturas de comunicação taiwanesas aos ataques chineses. Em um contexto em que as tecnologias de comunicação e informação (TCI) têm assumido um papel central na guerra contemporânea, questiona-se: qual seria o papel do domínio cibernético em um possível conflito entre China e Taiwan?

Transmitindo cerca de 95% de todo o tráfego global de dados, os cabos submarinos são uma infraestrutura essencial para o funcionamento das TCI. No contexto do Mar do Sul da China (MSC), é importante ressaltar que o processo de modernização da Marinha chinesa, juntamente à forte presença militar do país na região, possibilitam um controle maior de Pequim sobre os cabos submarinos locais e sobre os dados neles trafegados. Assim, a China consegue obstruir a manutenção e a construção de novos cabos que liguem Taiwan a países da região.

A estratégia militar chinesa entende que as operações

cibernéticas possuem um caráter decisivo na fase inicial de um conflito, deteriorando o comando, o controle e as comunicações do adversário. Assim, Pequim conta com um dos programas de ciberdefesa mais avançados do mundo, buscando garantir que suas Forças Armadas estejam sempre em vantagem no campo de batalha. É possível assumir, portanto, que os cabos submarinos que conectam Taiwan — e as demais infraestruturas críticas da ilha — seriam alvos prioritários em uma escalada de tensões no Estreito. Ciente dessa dinâmica, o governo insular vem investindo consideravelmente no desenvolvimento de suas capacidades de ciberdefesa, angariando esforços públicos e privados e contando com apoio dos Estados Unidos.

Nota-se, portanto, que o domínio cibernético teria papel central em um escalonamento das tensões na região. Por um lado, a capacidade de projeção de poder da China sobre o Estreito de Taiwan e o MSC tornam vulneráveis os cabos submarinos que se conectam à ilha. Por outro, ao analisar a forma com que a estratégia militar chinesa compreende o domínio cibernético, entende-se que cortar as comunicações de Taipei e atacar suas infraestruturas seriam objetivos prioritários da China neste conflito. Nesse contexto, é preciso observar se as capacidades taiwanesas de ciberdefesa serão suficientes para proteger seus setores críticos.



Bangladesh: Entre a *Belt and Road Initiative* e a *Indo-Pacific Strategy*

Maria Fernanda Császár

Bangladesh é um país sul-asiático cuja economia vem crescendo significativamente nos últimos anos. Devido a isso, tem criado um forte vínculo comercial e financeiro com Pequim, através da *Belt and Road Initiative* (BRI, na sigla em inglês). As relações entre as duas nações se mostraram lucrativas para ambas, porém os recentes impactos da presença chinesa na região têm gerado desconfianças. Conseqüentemente, os Estados Unidos têm se posicionado de modo a fortalecer sua presença no continente, por meio da *Indo-Pacific Strategy*, aproximando-se da Índia para rivalizar com a influência chinesa. Desse modo, quais são os possíveis impactos dessa conjuntura para os objetivos chineses no Sul da Ásia?

Desde 2015, a China tem demonstrado particular interesse no estabelecimento da BRI em Bangladesh. Através do Corredor Econômico Bangladesh-China-Índia-Mianmar, o governo chinês buscou unir as sub-regiões do continente asiático criando uma rede de investimentos em infraestrutura e zonas econômicas especiais. Segundo a *Centre for Policy Dialogue*, em 2016, Pequim e Dhaka assinaram oito projetos, com um valor de investimento de cerca de US\$ 9,5 bilhões. Para o governo bengali, as boas relações com o governo chinês são extremamente relevantes, uma vez que quase 20% de seu comércio é realizado com Pequim.

Apesar deste histórico de parceria, Bangladesh

parece se preocupar cada vez mais com o futuro da BRI. Primeiramente, o país demonstra claro receio em relação a uma iminente armadilha da dívida, uma vez que em 2022, 6% de toda sua dívida externa era com Pequim. Ademais, a nação teme os impactos ambientais da Iniciativa, especialmente no que tange à construção de plantas de energia termoelétrica. Esses fatores levaram Bangladesh a suspender múltiplos projetos chineses e a reavaliar os termos de sua parceria com a China.

Frente à crescente desconfiança em relação à BRI, um novo ator busca se consolidar na região como uma alternativa aos investimentos chineses. A *Indo-Pacific Strategy* tem como missão promover a liberdade e a abertura da região, segundo o documento oficial da Casa Branca. Para isso, Washington tem reforçado parcerias estratégicas na região, especialmente com a Índia, aproximando-se de Nova Déli por meio de ações de cooperação econômica e tecnológica. Com isso, os EUA buscam assumir um papel de maior protagonismo regional. A recente iniciativa estadunidense ainda não se mostrou forte o suficiente para desbancar a BRI, porém o crescente diálogo entre Washington e o Sul da Ásia vai de encontro aos objetivos chineses, e certamente não agrada Pequim. Por enquanto, Bangladesh tem se posicionado de forma a balancear as duas potências dentro de seu território.



Desafios da Marinha indonésia: modernização e vulnerabilidade

Gabriela Veloso

A Marinha da Indonésia tem dado prioridade à modernização de suas capacidades, adquirindo, por exemplo, navios e submarinos, com o objetivo de proteger suas águas jurisdicionais, assim como de expandir sua presença marítima. A expansão naval indonésia pode ser compreendida como uma resposta às crescentes ameaças à sua segurança, incluindo embarcações estrangeiras em suas águas, a pesca ilegal e a pirataria. Por outro lado, ao expandir sua presença, o país busca fortalecer sua posição como um ator importante na região do Indo-Pacífico. Neste panorama, é preciso ponderar, entretanto, o quão eficaz está sendo de fato a modernização naval indonésia frente aos objetivos supracitados.

A modernização naval é crucial para proteger o país da gama de potenciais ameaças marítimas. Contudo, a eficácia desse programa, inicialmente previsto para ser concluído até 2024, está comprometida pela falta de uma estratégia clara. Ademais, a falta de investimentos adequados em tecnologia está colocando em risco o programa de atualização do país.

Tal falta de investimentos e de uma estratégia integrada tem levado a um acúmulo de diferentes tecnologias em sua esquadra. A aquisição de navios e equipamentos de diferentes países, cada um com suas próprias tecnologias e especificações, acaba criando um conjunto heterogêneo e potencialmente vulnerável. Esquadras heterogêneas

enfrentam desafios de interoperabilidade, além de terem, normalmente, um alto custo de manutenção e reparo, são mais vulneráveis a ataques cibernéticos — cada sistema tem diferentes níveis de segurança e suscetibilidade — e possuem um obstáculo para o treinamento do pessoal, já que as tripulações precisam ter conhecimento e habilidade para operar sistemas diferentes.

Outro ponto a ser destacado dentro do quadro da modernização naval indonésia é a dificuldade de construção de uma indústria naval local, que ainda é incipiente e pouco competitiva. A Indonésia tem recorrido à importação de tecnologia e equipamento de outros países, levantando questões de segurança, dado que o Estado pode acabar dependendo de outros para manter e atualizar sua tecnologia naval, limitando sua capacidade de tomar decisões independentes e defender seus interesses nacionais. Além disso, as tecnologias importadas podem não ser compatíveis com sistemas já existentes na esquadra nacional, correndo o risco de levar também a atrasos na modernização naval.

Sendo assim, sem uma abordagem mais integrada e investimentos mais robustos em tecnologia naval, o país pode não estar preparado para lidar com os desafios crescentes na região e manter a segurança de suas águas.



O caminho europeu para o Indo-Pacífico

Guilherme Carneiro e Rafaela Caporazzo

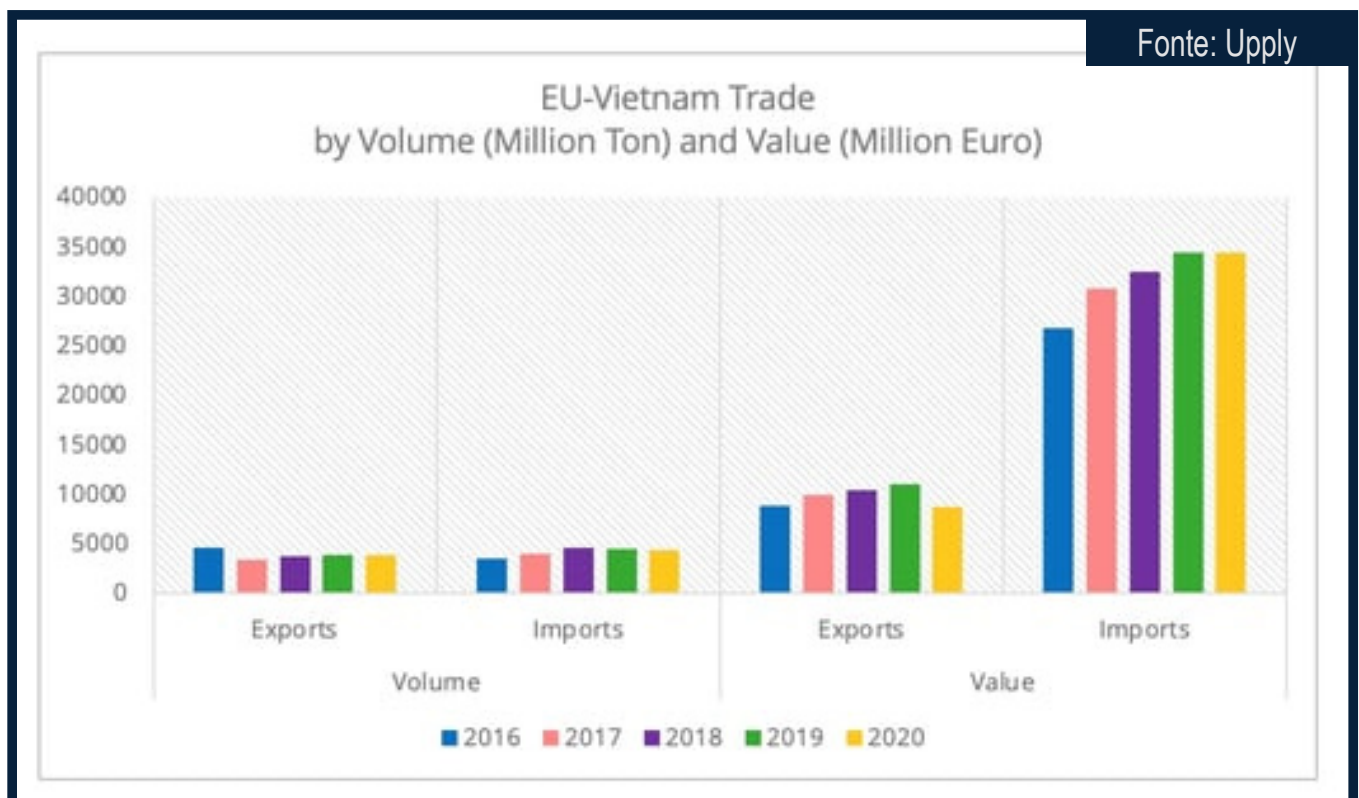
Como desdobramento dos assuntos abordados na cúpula entre a Associação de Nações do Sudeste Asiático (ASEAN) e a União Europeia (UE), em dezembro de 2022, o membro do Parlamento Europeu, David McAllister, realizou uma visita oficial a Hanoi em fevereiro deste ano. Com o propósito de aumentar as relações ASEAN-UE, foram iniciadas negociações que visam a melhoria do acordo comercial e das questões bilaterais em âmbito de Segurança e Defesa. Neste contexto, como o Vietnã, Estado-membro da ASEAN, pode trazer oportunidades para uma maior interação da UE no Indo-Pacífico?

A UE vem buscando há anos uma estratégia de longo prazo para solidificar sua influência no âmbito da ASEAN. O último Plano de Ação UE-ASEAN para 2023-2027 explicita que ambos devem incentivar ligações entre o Parlamento Europeu e os parlamentos individuais dos Estados-membros da associação asiática. Assim, destaca-se que uma cooperação inter-regional mais forte entre os dois grupos pode apresentar uma série de oportunidades, desde facilitar a implementação de acordos comerciais, como também permitir uma discussão aberta no âmbito securitário e na Indústria de Defesa de ambos os lados. Além disso, a estratégia da UE no Indo-Pacífico é liderada,

principalmente, pela França, país que se demonstra aberto ao envolvimento europeu na região desde 2016, tanto como provedor de assistência ao desenvolvimento, quanto como participante nas discussões e iniciativas por uma agenda de segurança marítima asiática.

Representando 2,9% de todas as importações globais, o Vietnã é um parceiro estratégico para o bloco europeu. Em sua visita ao país, David McAllister buscou aproximar ainda mais os laços através de políticas que visam melhorias no setor comercial, e principalmente no que tange à segurança marítima na região. Ao criar iniciativas marítimas, Hanoi espera que a UE não só garanta a livre-navegação em rotas comerciais que facilitem o Acordo de Livre Comércio UE-Vietnã — principal motivo para a atuação do bloco no país —, mas que também conduzam novas avaliações para solucionar a questão da pesca ilegal na região.

Portanto, ao que se refere às oportunidades vietnamitas para que a UE possa solidificar sua presença nos países do Indo-Pacífico, ressalta-se a importância de uma maior segurança marítima e cooperação comercial para a consolidação de laços e o fortalecimento da influência estratégica internacional de ambos os lados.



Portos Inteligentes: As transformações da indústria 4.0 na logística portuária

Victor Magalhães Longo

Seja para a projeção de poder naval ou para a logística e comércio internacional, os portos são uma infraestrutura vital para a prosperidade de quase qualquer nação. Os ganhos de produtividade na logística portuária geram uma vantagem competitiva que irradia para o resto da economia. Em paralelo, grandes empresas já notaram que o próximo grande salto de produtividade se dará com a implementação da chamada indústria 4.0, que envolve adoção em larga escala de tecnologias como a inteligência artificial, Internet das Coisas (IoT, sigla em inglês), automação robótica, computação em nuvem, *Big Data*, entre outras. Sendo assim, de que maneira a indústria 4.0 está otimizando a logística portuária e quais os desafios para a sua plena implementação?

Tomemos o exemplo do Porto de Roterdã. O enorme porto neerlandês encara uma crescente competição, especialmente pelos projetos da *Belt and Road Initiative* da China, e está respondendo com projetos avançados de digitalização: atualmente, já emprega inúmeros sensores IoT que coletam em tempo real dados que são utilizados das mais variadas formas. Uma delas utiliza-os para identificar qual maquinário provavelmente apresentará uma falha em breve, otimizando a manutenção preventiva e evitando contratemplos. Outra aplicação da indústria 4.0 na infraestrutura portuária é a automação robótica. Através do processamento de enormes conjuntos de

dados que alimentam inteligências artificiais, máquinas automatizadas carregam, descarregam e organizam containers de forma incrivelmente eficiente. Esses são apenas dois exemplos dos ganhos de produtividade que a indústria 4.0 é capaz de proporcionar.

Todavia, a automação apresenta desafios. O primeiro deles é a dificuldade de integrar os sistemas que fazem parte da operação de um porto. A iniciativa mais bem sucedida nesse sentido é o TIC 4.0, que envolve importantes empresas operadoras de terminais portuários, fabricantes de equipamentos e prestadores de serviços, e tem como objetivo desenvolver protocolos e padrões para que os equipamentos, independentemente do fabricante, transmitam informações em uma “linguagem comum”. O segundo desafio é o custo de implementação, que ainda é alto, ainda que os retornos em longo prazo compensem o investimento.

Em síntese, o que a indústria 4.0 proporciona são altos investimentos e altos retornos, e não são todos os países que detêm tal capacidade de investimento e inovação. Os países ricos e com intenso fluxo de comércio marítimo como Bélgica, Cingapura, China e Países Baixos estão competindo pela fronteira tecnológica da automação dos portos, ampliando sua já existente vantagem competitiva e aumentando a defasagem tecnológica das demais nações.



- ▶ [America's Interest in Ending the Ukraine Crisis](#)
PROJECT SYNDICATE, Brahma Chellaney
- ▶ [Xi in Moscow: Russia Offers China a Glimpse of Its Own Future](#)
CARNEGIE, Mikhail Korostikov
- ▶ [Maritime Security & Geopolitics in Indian Ocean Region](#)
MODERN DIPLOMACY, Nadir Ali
- ▶ [U.S. Navy in Review](#)
U.S NAVAL INSTITUTE, Robert Holzer e Dmitry Filipoff
- ▶ [Asia-Arctic Diplomacy a Decade Later: What Has Changed?](#)
THE DIPLOMAT, Wrenn Yennie Lindgren e Marc Lanteigne

CALENDÁRIO GEOCORRENTE

Clique nas caixas para acessar os links referentes:

Por: Maria Eduarda Parracho e Taynah Pires

ABRIL

Principais eventos de 01 a 12 de Abril

01



UNIÃO EUROPEIA

REUNIÃO ENTRE
REPRESENTANTES DA
UE E DA CHINA

02



BULGÁRIA

ELEIÇÕES
PARLAMENTARES

02



FINLÂNDIA

ELEIÇÕES
PARLAMENTARES

09



JAPÃO

ELEIÇÕES LOCAIS

10-16



EUA

REUNIÃO DE PRIMAVERA
DO BANCO CENTRAL E
DO FMI

11-14



BRASIL

LAAD *DEFENCE AND
SECURITY 2023*

11-28



FILIPINAS

EXERCÍCIO MILITAR
BILATERAL ENTRE
EUA E FILIPINAS

12-13



ARGENTINA

REUNIÃO DO GRUPO
MERCADO COMUM

REFERÊNCIAS

- **Argentina: porta de entrada para Pequim nas Américas?**
SIDDIQUI, Huma. [The Ushuaia Ultimatum: China's control of the South Atlantic](#). *Financial Express*, 11 jan. 2023. Acesso em: 11 mar. 2023
BRITZKY, Haley. [Generales de EE.UU. advierten que China expande agresivamente su influencia en Sudamérica y el Caribe](#). *CNN Español*, 08 mar. 2023. Acesso em: 11 mar. 2023
 - **Panamá: Caminhos Sustentáveis para o Comércio Marítimo Internacional**
[Panamá y Estados Unidos impulsan creación de un Corredor Marino](#). *Bloomberg Línea*, 03 mar. 2023. Acesso em: 09 mar. 2023.
ALBERTS, Elizabeth Claire. [Panama ocean conference draws \\$20 billion, marine biodiversity commitments](#). *Mongabay*, 06 mar. 2023. Acesso em: 10 mar. 2023.
 - **Por que Angola está investindo em Defesa?**
[Vantagens para as petrolíferas do norte de Angola](#). *Prensa Latina*, 23 fev. 2023. Acesso em: 07 mar. 2023.
[IDEX 2023: Marinha Angolana encomenda corvetas BR71 MKII do Edge Group sob acordo de € 1 bilhão](#). *Poder Naval*, 22 fev. 2023. Acesso em: 07 mar. 2023.
 - **O papel da Argélia na crise de segurança no Mali**
[Mali Junta Warns Key Peace Deal Under Threat](#). *The Defense Post*, 01 mar. 2023. Acesso em: 03 mar. 2023.
ESCALONILLA, Álvaro. [Algeria and Mali strengthen military cooperation to contain jihadist advance in the Sahel](#). *Atalayar*, 18 jan. 2023. Acesso em: 07 mar. 2023.
 - **O SSN-AUKUS e a projeção de poder no Indo-Pacífico**
CHUTER, Andrew. [Britain's newest nuclear sub to host Australian crew under AUKUS pact](#). *Defense News*, 31 ago. 2022. Acesso em: 20 mar. 2023.
DOHERT, Ben; HURST, Daniel. [What is the Aukus submarine deal and what does it mean? – the key facts](#). *The Guardian*, 14 mar. 2023. Acesso em: 20 mar. 2023.
 - **O fornecimento indireto de armamento búlgaro: um aceno para o Ocidente**
[EU member state profiteering from Ukraine conflict – media](#). *RT*, 06 mar. 2023. Acesso em: 24 mar. 2023.
ANDREEV, Alexander. [How Bulgaria secretly armed Ukraine](#). *DW*, 21 jan. 2023. Acesso em: 24 mar. 2023.
 - **A retomada dos laços diplomáticos entre Arábia Saudita e Irã**
ESFANDIARY, Dina; JACOBS, Anna. [How Beijing Helped Riyadh and Tehran Reach a Detente](#). *Crisis Group*, 17 mar. 2023. Acesso em: 20 mar. 2023.
EGOZI, Arie. [Improved Saudi-Iran relationship has Israel nervous — about Iran, and about China](#). *Breaking Defense*, 20 mar. 2023. Acesso em: 20 mar. 2023.
 - **Grupo Wagner e os interesses do Kremlin na Ucrânia**
[Wagner: 'Whole front will collapse' in Ukraine as supplies stall](#). *Al Jazeera*, 06 mar. 2023. Acesso em: 06 mar. 2023.
TROFIMOV, Yaroslav. [Russia's Wagner Troops Exhaust Ukrainian Forces in Bakhmut](#). *The Wall Street Journal*, 05 mar. 2023. Acesso em: 07 mar. 2023.
 - **A dimensão cibernética do conflito do Estreito de Taiwan**
EVERINGTON, Keoni. [China obstructs new subsea cable to Taiwan](#). *Taiwan News*, 15 mar. 2023. Acesso em: 24 mar. 2023.
BROCK, Joe. [U.S. and China wage war beneath the waves – over internet cables](#). *Reuters*, 24 mar. 2023. Acesso em: 24 mar. 2023.
 - **Bangladesh: Entre a Belt and Road Initiative e a Indo-Pacific Strategy**
MCBRIDE, James; BERMAN, Noah; CHATZKY, Andrew. [China's Massive Belt and Road Initiative](#). *Council on Foreign Relations*, 02 fev. 2023. Acesso em: 09 mar. 2023
[Bangladesh reassesses its Belt and Road Initiative strategy with China as the US offers a new alternative](#). *Global Voices*, 28 fev. 2023. Acesso em: 08 mar. 2023.
 - **Desafios da Marinha indonésia: Modernização e vulnerabilidade**
AO, Temjerenmeren. [Indonesia's Naval Expansion: A New Dimension to the Existing Security Impasse in the Region](#). *Indian Council of World Affairs*, 02 nov. 2017. Acesso em: 25 fev. 2023.
YEO, Mike. ['Hodgepodge of tech': What makes Indonesia's naval buildup vulnerable](#). *Defense News*, 13 fev. 2023. Acesso em: 25 fev. 2023.
 - **O caminho europeu para o Indo-Pacífico**
ANH, Vu. [EU eyes increased maritime security cooperation with Vietnam](#). *VN Express*, 23 fev. 2023. Acesso em: 07 mar. 2023.
[NA Chairman welcomes European Parliament's official](#). *Vietnam Plus*, 23 fev. 2023. Acesso em 07 mar. 2023.
 - **Portos Inteligentes: As transformações da indústria 4.0 na logística portuária**
BUZINKAY, Mark. [Known Port Automation Challenges](#). *Identec Solutions*, 30 maio 2022. Acesso em: 23 mar. 2023.
DIEKMANN, Jan; SCHIPPER, Adam; WIENZEK, Peter K. [How IoT-enabled condition monitoring enables smart ports](#). *Ericsson*, 04 ago. 2022. Acesso em: 23 mar. 2023.
- O mapa inicial (pág 04) do Boletim foi produzido pelo MapChart e segue as diretrizes da Creative Commons.

MAPA DE RISCO

O mapa intitulado “Principais Riscos Globais”, exposto na página 04 deste Boletim, foi elaborado pelos integrantes do Núcleo de Avaliação da Conjuntura da Escola de Guerra Naval. Os critérios utilizados para analisar os fenômenos internacionais e determinar quais devem constar no mapa se baseiam na relevância destes para o Brasil, sendo eles: presença de brasileiros residentes na região, influência na economia brasileira e o impacto no Entorno Estratégico brasileiro. Os parâmetros para categorização dos riscos seguem os interesses dos membros permanentes do Conselho de Segurança das Nações Unidas, relevância dos atores envolvidos, repercussão internacional, impacto regional e a possibilidade da

escalada de tensões. Após a seleção dos fenômenos, estes podem ser categorizados em alto risco (vermelho), quando avalia-se grande instabilidade social, política, militar ou econômica. Como também, em médio risco (laranja), para principais situações de agravamento de riscos observados. Os países em cinza representam conflitos monitorados, caso tenha agravamento do risco, este passa a ser vermelho ou laranja.

As análises são refeitas a cada edição do Boletim, com o objetivo de reavaliar e atualizar as regiões demarcadas, bem como a cor utilizada em cada um. Desta forma, são sempre observados os principais fenômenos, distribuídos em alto e médio risco.

Por: Luísa Barbosa

► ALTO RISCO:

- ARMÊNIA E AZERBAIJÃO - Conflito em Nagorno-Karabakh: [Azerbaijani armed forces advance to close off Armenia-Karabakh road](#). **Eurasianet**, 26 mar. 2023. Acesso em: 27 mar. 2023.
- BELARUS - Tensão regional: [Putin says Moscow to place nuclear weapons in Belarus, US reacts cautiously](#). **Reuters**, 26 mar. 2023. Acesso: 27 mar. 2023.
- BURKINA FASO - Instabilidade sociopolítica: [Uma missão humanitária da CEDEAO em Burkina Faso](#). **DW**, 27 mar. 2023. Acesso em: 27 mar. 2023.
- HAITI - Crise estrutural: [Haiti faces 'hunger emergency' amid escalating gang violence and surging inflation](#). **The Guardian**, 24 mar. 2023. Acesso em: 27 mar. 2023.
- IÊMEN - Crise humanitária: [A Saudi-Houthi deal won't bring lasting peace in Yemen](#). **Middle East Institute**, 27 mar. 2023. Acesso em: 27 mar. 2023.
- LÍBANO - Crise estrutural: [Rushed daylight-saving decision puts Lebanon in 2 time zones](#). **Associated Press**, 27 mar. 2023. Acesso em: 27 mar. 2023.
- MALI - Instabilidade sociopolítica: [Mali: un an après le massacre de Moura, les conclusions des enquêtes toujours attendues](#). **RFI**, 27 mar. 2023. Acesso em: 27 mar. 2023.
- MIANMAR - Golpe militar: [Myanmar military pledges decisive action against opponents](#). **Al Jazeera**, 27 mar. 2023. Acesso em: 27 mar. 2023.
- PERU - Crise sociopolítica: [El Congreso debatirá el jueves si admite una moción para destituir a Boluarte](#). **Nodal**, 27 mar. 2023. Acesso em: 27 mar. 2023.
- RÚSSIA E UCRÂNIA - Conflito Militar: [Preparations for 'de-occupation': Annexed Crimea not forgotten by Ukraine](#). **CNN**, 27 mar. 2023. Acesso em: 27 mar. 2023.
- SÍRIA - Insegurança regional: [Tehran Condemns US Strikes on Iran-Linked Groups in Syria](#). **VOA News**, 26 mar. 2023. Acesso em: 27 mar. 2023.
- SOMÁLIA - Crise estrutural: [Somalia: Somaliland ends ceasefire as fighting erupts in Laascaanood](#). **Garowe Online**, 27 mar. 2023. Acesso em: 27 mar. 2023.

► MÉDIO RISCO:

- COREIA DO NORTE - Tensões regionais: [North Korea fires two test missiles as US deploys USS Nimitz aircraft carrier group to South Korea for drills](#). **Sky News**, 27 mar. 2023. Acesso em: 27 mar. 2023.

• ETIÓPIA - Conflitos internos: [In Ethiopia, China and the US map rival roads to lasting peace](#). **South China Morning Post**, 27 mar. 2023. Acesso em: 27 mar. 2023.

• ISRAEL - Instabilidade política e regional: [Mass protests erupt in Israel after Netanyahu fires minister who opposed judicial overhaul](#). **CNN**, 27 mar. 2023. Acesso em: 27 mar. 2023.

• MOÇAMBIQUE - Conflito entre governo e forças insurgentes: [Ataques a pescadores aumentam insegurança em distrito de Cabo Delgado](#). **VOA News**, 24 mar. 2023. Acesso em: 27 mar. 2023.

• REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO - Tensões regionais: [Villagers hacked to death in suspected ethnic dispute in western DRC](#). **RFI**, 27 mar. 2023. Acesso em: 27 mar. 2023.

• VENEZUELA - Crise estrutural: [Venezuela arrests 21 in corruption crackdown, 11 more wanted](#). **Reuters**, 25 mar. 2023. Acesso em: 27 mar. 2023.

► EM MONITORAMENTO:

• AFEGANISTÃO - Crise estrutural: [At least six killed in blast near Afghanistan's foreign ministry](#). **Al Jazeera**, 27 mar. 2023. Acesso em: 27 mar. 2023.

• ÁFRICA DO SUL - Crise energética: [No urgency from government to end load shedding: economist](#). **Business Tech**, 27 mar. 2023. Acesso em: 27 mar. 2023.

• COLÔMBIA - Acordo com o ELN: [Colombia's Peace Process Stumbles as Gaitanista Ceasefire Ends](#). **Insight Crime**, 24 mar. 2023. Acesso em: 27 mar. 2023.

• EL SALVADOR - Instabilidade sociopolítica: [Un año de régimen de excepción: se consolida un estado militar y policial](#). **El Faro**, 26 mar. 2023. Acesso em: 27 mar. 2023.

• EQUADOR - Instabilidade sociopolítica: [Ecuador decide esta semana si Lasso se enfrenta a un juicio político](#). **El País**, 27 mar. 2023. Acesso em: 27 mar. 2023.

• EUROPA - Instabilidades internas e tensões com a Rússia: [Russia's diplomatic clash with Europe flares in Estonia](#). **POLITICO**, 26 mar. 2023. Acesso: 27 mar. 2023.

• IRÃ - Crise estrutural e regional: [Rebellion in Iran: how far will the regime go?](#). **Financial Times**, 27 mar. 2023. Acesso em: 27 mar. 2023.

• LÍBIA - Crise estrutural: [UN-backed probe cites crimes against humanity in Libya](#). **Associated Press**, 27 mar. 2023. Acesso em: 27 mar. 2023.

• MAR DO SUL DA CHINA - Disputas regionais: [Philippines confronts Chinese diplomats over sea disputes](#). **Associated Press**, 24 mar. 2023. Acesso em: 27 mar. 2023.

• NICARÁGUA - Crise política: [Boric denuncia en Cumbre Iberoamericana «la dictadura» de Ortega en Nicaragua](#). **Hoy**, 25 mar. 2023. Acesso em: 27 mar. 2023.

• NIGÉRIA - Conflitos internos: [Troops neutralise 12 Boko Haram terrorists in Borno](#). **The Guardian Nigeria**, 27 mar. 2023. Acesso em: 27 mar. 2023.

• PAQUISTÃO - Instabilidade sociopolítica: [Pakistan economic crisis | Videos show hundreds in frenzy over free flour, looting trucks](#). **CNBC News**, 27 mar. 2023. Acesso em: 27 mar. 2023.

• REPÚBLICA CENTRO-AFRICANA - Crise humanitária: [Situation in Central African Republic Worrisome, Research Group Says](#). **VOA News**, 26 mar. 2023. Acesso em: 27 mar. 2023.

• SELVA DE DARIÉN - Crise migratória: [Tapón de Darién, una mina de hora para la delincuencia a costa de migrantes](#). **El Sol de México**, 27 mar. 2023. Acesso em: 27 mar. 2023.

- SRI LANKA - Crise estrutural: [Sri Lanka reels from aftershocks of debt crisis](#). **Financial Times**, 23 mar. 2023. Acesso em: 27 mar. 2023.
- SUDÃO - Crise política: [Sudan coup leader urges troops to back democratic transition](#). **Africanews**, 27 mar. 2023. Acesso em: 27 mar. 2023.
- TAIWAN - Tensões China-EUA: [Taiwan's Ma Ying-jeou lands in China as Tsai Ing-wen heads to U.S.](#) **Nikkei Asia**, 27 mar. 2023. Acesso em: 27 mar. 2023.